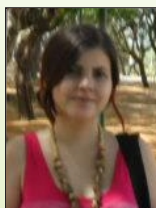




**Autora:**

Ryanne Freire Monteiro Bahia

Doutoranda do Programa de Pós  
Graduação de Sociologia da  
Universidade Federal do Ceará



**Palavras-Chave:**

**Keywords:**

**Resenha recebida em:**

Setembro de 2012.

**Resenha aceita em:**

Outubro de 2012.

**RESENHA**

## PRIMEIRO COMO TRAGÉDIA, DEPOIS COMO FARSA

ZIZEK, SLAVOJ. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*.

Tradução: Maria Beatriz Mendonça. São Paulo: Boitempo, 2011.

A mais recente obra do filósofo e psicanalista Slavoj Zizek, pesquisador do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Eslovênia, editada no Brasil é *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Crítico fervoroso da contemporaneidade, articula em sua análise uma leitura marxista enriquecida pelo olhar lacaniano. A edição brasileira publicada pela editora Boitempo traz um prefácio escrito pelo próprio autor, no qual este expõe de forma sucinta algumas das problemáticas a serem desenvolvidas na introdução e nos dois capítulos seguintes de sua obra. Tal como o faz Mézáros em *O desafio e o fardo do tempo histórico*, Zizek (2011) critica o que denomina de o tempo do capital, que seria o do eterno presente, que se contrapõe ao tempo histórico marxista que é o das transformações, do movimento. Outra crítica central se dá sobre a naturalização da ideologia hegemônica capitalista, a qual mascara decisões de caráter político, sendo, porém, apresentadas tecnicamente como questões de pura necessidade econômica.

A obra de Zizek (2011), apesar de densa, realiza uma transposição didática entre a visão marxista e a realidade imediata de seus leitores. São abundantes as alusões do autor a produções cinematográficas dos mais diversos gêneros, tais como ficção científica, *western* e animação. Essa técnica de produção textual já fora bem sucedida em outra obra do autor: *Como ler Lacan*, onde há uma nítida tentativa de trazer para o entendimento de um público não especializado os conceitos centrais lacanianos. Os temas abordados em *Primeiro como tragédia, depois como farsa* são pautas presentes nos noticiários contemporâneos, como a política de salvamento de *Wall Street*, a representação política de Berlusconi na Itália, os dilemas da questão ecológica, entre outros.

Além das referências centrais de Marx e Lacan, Zizek movimenta de forma contundente as teorias filosóficas de Immanuel Kant, Hegel e de modo mais discreto Kierkegaard. Hegel, por ter influenciado diretamente Karl Marx, o qual avança a partir dele,

possui papel central na análise de Zizek. Não por acaso, no mesmo ano, publica *Hegel and the Infinite: Religion, Politics, and Dialectic* (2011) sem tradução brasileira.

O primeiro capítulo denomina-se: *É a ideologia, estúpido!* Sempre polêmico, Zizek (2011) se debruça sobre a ideologia dominante do capital, que prega, como também diria Bauman “Soluções individuais para problemas coletivos”, bem como a ideologia da infinitude do capitalismo, além da justificativa da exploração dos mais fracos para que os fortes sobrevivam às crises do sistema. Outrossim, conceitos marxianos que permeiam a obra, enriquece sua interpretação quando traz a idéia de desejo em Lacan para melhor elucidar a questão do fetiche. Para além da análise da estrutura, produz uma reflexão sobre os sustentáculos subjetivos do capital através desta categoria-chave. “A pressão incessante para escolher envolve não só a ignorância acerca do objeto de escolha, como também, de modo ainda mais radical, a impossibilidade subjetiva de responder à pergunta do desejo.” (ZIZEK, 2011, p. 61)

O livro em sua plenitude defende um posicionamento político; trata-se, como declara o autor, de uma análise engajada. Enfrenta o desafio de propor o comunismo como alternativa ao capitalismo global. Falar em comunismo após a derrocada do “socialismo real” exige coragem e paciência. Por isso, Zizek (2011) ao falar em comunismo não se refere aos acontecimentos da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), mas “uma volta ao ponto de partida”, ou para fazer referência a Kierkegaard “o processo revolucionário não envolve um progresso gradual, mas um movimento repetitivo, um movimento de *repetir o princípio* várias vezes.” (ZIZEK, 2011, p. 79)

No segundo e último capítulo, Zizek (2011) expõe o que ele denominou de *A hipótese comunista*, e que intitula o capítulo em lide, respondendo Eric Hobsbawn quando rete questiona: “O socialismo fracassou, o capitalismo está falido. O que vem depois?” A resposta do pensador esloveno é direta: o comunismo. E parte de uma premissa básica: o que é comum a todos os seres humanos? Quais os bens e direitos dos quais ninguém deveria estar alijado? Para que todos possuam acesso à boa saúde, educação de qualidade, moradia, alimento, meio ambiente sustentável, é preciso que se pense no comunismo. Pois, tal como foi enunciado por Karl Marx, as condições precípuas do capital são a concorrência, a exploração dos recursos naturais no tempo do capital, que tende a inviabilizar a recuperação destes mesmos recursos. Tudo dentro do capitalismo torna-se mercadoria, e as desigualdades são condição *sine qua non* de sua existência e desenvolvimento *sociometabólico*<sup>1</sup>. Para que poucos tenham muito, muitos terão pouco, para que um produto seja valorizado no mercado, ele não deve ser demasiado acessível, tal lógica obstaculariza as condições de pleno gozo de seus direitos, tais como o de ir, vir e permanecer, pois, enquanto alguns vão de ônibus precários, outros irão de carro importado, assim como poucos terão acesso a um capital cultural<sup>2</sup> que lhes possibilite o ingresso às universidades mais consagradas e aos empregos mais almejados; a maior parte da população terá uma instrução que frequentemente já é precoce na primeira esfera de socialização, a família. Uma vez que o capitalismo orienta seus valores no individualismo, para Zizek (2011) o comunismo, diferentemente do socialismo, pauta-se no “uso público da razão” de Kant.

Para melhor compreendermos do que se trata, expliquemos brevemente o imperativo categórico kantiano. Este de forma simplificada pode ser traduzido como: se você deseja fazer algo,

antes de executá-lo, reflita primeiro: E se todos fizessem o mesmo, isso seria bom para a humanidade? Se não for, não o faça! Ou seja, mesmo dentro da esfera de ação individual, as ações possuem repercussão mundial. O que o imperativo categórico representa é a ideia de responsabilidade planetária, apaixonadamente defendida por sociólogos como Edgar Morin, e, não por acidente, condiciona as discussões ecológicas de Hans Jonas em *O Princípio da Responsabilidade*. Este estudo pode ser lido como uma espécie de tratado de bioética no sentido de ética para a vida, ou mesmo como uma reelaboração do imperativo categórico centrado na questão ambiental. O uso público da razão, categoria kantiana invocada ao longo de toda a obra, embora melhor desenvolvido no segundo capítulo, disserta que as bases de uma sociedade mais justa se dá sob o alicerce de uma consciência comum, que pense nas pessoas, antes de tudo, sob o qualificativo que nos une: os de seres humanos. Antes de sermos brasileiros, franceses ou angolanos, somos igualmente habitantes de um ecossistema mundial. Antes de pensarmos como o Brasil possa elevar o Produto Interno Bruto (PIB) mais que a China, por que não pensarmos em propiciar aos países africanos condições mínimas de um desenvolvimento humano saudável? Conforme Zizek (2011), esta questão é impensável dentro da lógica capitalista. Por isso, o autor propõe o comunismo como caminho a ser trilhado. Mas como instaurar o comunismo? Não negando sua formação filosófica, Zizek (2011) aponta para uma proposição: convida-nos a pensar o tempo em que vivemos e, uma vez mais, recorrendo a Kant, conclama o leitor: Obedeça, mas pense! O pensamento crítico seria um escudo contra as armadilhas ideológicas permeadas pela intolerância e pelo narcisismo das pequenas diferenças. Para Zizek (2011), o totalitarismo e o fundamentalismo são faces da crise interna do capital; tentativas de ordenar o caos, trazer certezas, conferir uma ilusória firmeza em tempos de liquidez.<sup>3</sup>

#### Notas:

<sup>1</sup>Termo utilizado por Mészáros para se referir à capacidade do capital de crescer, renovar-se, adaptar-se ao social.

<sup>2</sup>O *capital cultural* envolve um conjunto de saberes, que estão além dos ensinados em ambiente escolar. Entretanto, o capital escolar é importante para que se tenha excelência nesses outros saberes. O *capital escolar* é desigual para os indivíduos, tendo em vista que existe uma esfera de socialização anterior à escola: a família. E esta já possibilitou um ganho de capital cultural, o qual é diferenciado conforme as origens sociais. Assim, uma criança proveniente das classes populares, cujo capital cultural é desprestigiado pelo capital escolar tem menor probabilidade de obter o domínio da norma culta, da etiqueta, da apreciação das artes (ou seja, *competência cultural*), típico do capital cultural das elites do que uma criança proveniente das classes altas. Dessa forma, a aquisição do capital escolar, que depende do capital cultural fornecido primeiramente pela família, é desigual. É sob esse alicerce desigual, que os sujeitos irão ocupar suas posições dentro do campo e construir seu *habitus*.

<sup>3</sup>Liquidez no sentido adotado por Bauman, que denomina Modernidade Líquida a contemporaneidade, acentuando seu caráter inseguro, veloz e privatizante.

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Vida a crédito: conversas com Citlali Roviroso- Madrazo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JONAS, Hans. *O Princípio da Responsabilidade*. [S.l.]: Contraponto Editora, 2006.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3 ed. São Paulo: Cortez; Distrito Federal: UNESCO, 2001.

ZIZEK, SLAVOJ. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Tradução: Maria Beatriz Mendonça. São Paulo: Boitempo, 2011.

KANT, E. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. Lisboa: Companhia Editora Nacional, 1964.